



EM BUSCA DO CORPO SAUDÁVEL: O CORPO QUE SE ENSINA NO CADERNO VIDA

Fabiana de Brito Pires¹
Nádia Geisa Silveira de Souza²

Introdução

Neste texto buscamos trazer discussões sobre como o corpo feminino em processo de envelhecimento e em algumas situações relacionadas à menopausa vem sendo representado³ e colocado em circulação no Caderno Vida do Jornal gaúcho Zero Hora/RS. Analisamos, particularmente, características atribuídas e ensinamentos relacionados aos cuidados com o corpo nesse período da vida da mulher, vistos como necessários para se manter a saúde corporal. Ao entendermos o corpo como uma construção biossocial processada nas suas relações com as práticas culturais e a mídia como um importante meio constitutivo dos modos de pensá-lo, hoje, analisamos e discutimos alguns enunciados presentes no Caderno Vida. Para tanto, fazemos conexões com a perspectiva analítica dos Estudos Culturais, em suas vertentes pós-estruturalistas, e os estudos foucaultianos no campo da Educação.

O ensaio a seguir será dividido em três partes, em primeiro lugar, fazemos um breve apanhado de alguns conceitos utilizados como ferramentas analíticas neste estudo. Em segundo lugar, trazemos discussões sobre o papel das práticas culturais – especialmente da mídia jornalística – enquanto um elemento constitutivo de modos de ver e agir nos corpos e, por fim, apresentamos um breve ensaio de análise dos enunciados presentes em reportagens que circulam no Caderno em questão.

Algumas Ferramentas de análise

Consideramos importante mencionar que o estudo se desenvolve numa abordagem culturalista, centrando suas problematizações no papel produtivo da linguagem, assumindo que as

¹ Bióloga e Mestranda no PPG em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde/ICBS/UFRGS.

² Professora Associada no Departamento de ensino e Currículo/FACED/UFRGS, vinculada ao PPG em Educação/FACED/UFRGS e ao PPG em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde/ICBS/UFRGS.

³ Utilizamos o conceito de representação a partir de Stuart Hall, entendendo que os significados e sentidos atribuídos às coisas, aos objetos, às pessoas, p.ex., são construções históricas produzidas nas culturas a partir do modo como são utilizados, ou seja, “através da forma como as representamos - as palavras que usamos, as histórias que contamos acerca destas coisas, as imagens que produzimos as emoções que associamos às mesmas, as maneiras como as classificamos e conceituamos os valores que lhes damos” (1997, p.4).



diferentes linguagens compõem os sistemas de significação. Tais sistemas mais do que (re)criar constantemente os significados a partir dos quais os sujeitos interpretam o mundo, criam o mundo e os sujeitos tal como destacam as abordagens pós-estruturalistas. Estas, especialmente a partir da virada lingüística, atribuem um destacado papel à linguagem (entendida num sentido amplo, aquilo que se diz e faz numa determinada cultura e época), a qual para além de permitir a comunicação entre os sujeitos de um mesmo grupo social atua nos processos de fabricação/produção discursiva, configurando modos de pensar e agir no mundo.

Nessa direção, entendemos o corpo como uma produção processada a partir das relações históricas de sua materialidade biológica com e na cultura, um processo em constante formação, portanto, provisório, com infinitas possibilidades de modificação e significação (LE BRETON, 2001). Tomamos o corpo como superfície de inscrição das práticas discursivas, que diariamente o interpelam ao funcionarem em diversas instâncias – família, escola, mídia, entre outras – ora se articulando, ora se confrontando (CAMARGO, 2007; SOUZA, 2001), produzindo “verdades” que passam a ser assumidas pelas pessoas. No caso deste estudo, nos interessam as “verdades” que regulam a saúde/beleza do corpo feminino ao atuarem como padrão que move para a chamada “busca incessante pelo corpo perfeito” e a constituição das noções de cuidado com o corpo na contemporaneidade – assuntos esses que estão na ordem do dia. Dessa perspectiva, recusamos aquelas noções que entendem o corpo como carregando uma natureza, uma essência, ou como determinado por sua herança genética. Afastamo-nos, também, das abordagens biomédicas que consideram o corpo como um organismo biológico, conjunto de células, tecidos e órgãos, cujas funções pretensamente funcionam de modo universalizante, desconsiderando, assim, as vivências de cada corpo e a maneira como vive e convive.

Outro entendimento em operação, neste estudo, refere-se à noção de pedagogia cultural, que amplia a compreensão de educação e aprendizagens para além do âmbito exclusivamente escolar: ou seja, a partir dela são consideradas educativas várias instâncias sociais e suas produções culturais, tais como a televisão, as revistas, os filmes, os anúncios publicitários, os museus, conforme destacaram Steinberg (1997), Kellner (2001).

Na atualidade, diversas instâncias culturais, como a mídia, vêm exercendo importantes efeitos no processo de produção discursiva da ciência (NELKIN, 1995; RIPOLL, 2000; WORTMANN, 2008). Contudo, os jornais, ainda, são importantes fontes primárias de notícias relacionadas à ciência, sendo vista, inclusive, por muitas pessoas como a instância de acesso às informações ditas científica, atribuindo, assim, credibilidade àquilo que elas lêem na imprensa



(NELKIN, 1995). Nesse sentido, os jornais atuam como instâncias pedagógicas que produzem e veiculam conhecimentos e ensinamentos sobre o corpo, dentre os quais figuram em destaque, nas suas páginas, as diferentes prescrições e recomendações médicas. No processo de constituição das cidades modernas e do modo de vida relacionado à urbanização – a higienização, o ordenamento, o controle e a constituição de determinados tipos de corpos – tem adquirido papel de destaque o discurso científico, especialmente o biomédico. Segundo Foucault (2000), podemos dizer que, desde o século XIX, houve uma medicalização do crescente campo social através das “verdades” direcionadas à regulamentação da vida e do corpo das pessoas. Nesse sentido, os regimes de verdade, acolhidos em cada época e sociedade, instituem aquilo que funciona como regra ou padrão, posicionando através da linguagem aqueles indivíduos e comportamentos que pertencem ou não à norma (aqueles que são saudáveis ou doentes, bonitos ou feios, gordos ou magros, p.ex.), implicando e exercendo em tais escolhas relações de poder relativas ao modo de representar a si e aos outros (SILVA, 2000).

Ao considerarmos que a identidade⁴ se ancora no corpo, visto que nele se inscrevem as marcas das semelhanças e das diferenças, podemos pensá-lo como o lugar de produção das identidades pessoais, fazendo com que determinadas características passem a ser significadas como marcas que definem as identidades - mulher, homem, jovem, velho, entre outras categorias. Nesse sentido, muitas são as disputas discursivas implicadas na produção dos corpos, contudo há de comum entre elas o pensamento binário que classifica os sujeitos - ora como corpos belos/feio, jovem/ velhos, saudáveis/ doentes, entre outras categorias instituidoras de binarismos. Dentre elas podemos situar as categorias etárias que classificam e posicionam as pessoas ao longo de suas existências, em fases relacionadas a idades - infância, juventude, adulto, terceira idade. Tais categorizações e marcadores enquanto construções atribuídas a partir das representações circulantes em cada época e sociedade (ELIAS, 1990) atuam como marcadores identitários que, ao serem incorporados, funcionam para diferenciar, agrupar, classificar, ordenar os sujeitos.

No caso, a noção de velhice, que atribui significados sociais ao processo biológico do envelhecimento, foi inventada na sociedade pós-revolução industrial, pois antes dessa época a idade avançada era valorizada, adotada como um signo de sabedoria e de acúmulo de experiência de vida (BEAUVOIR, 1970). Em contrapartida, nas últimas décadas do século XX, a longevidade gerou o

⁴ Estamos usando a identidade a partir do conceito referido por Hall (1997), como algo provisório, (trans) formado constantemente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados pelos sistemas culturais que nos rodeiam – definido historicamente e não biologicamente. Segundo o autor o sujeito assume diferentes identidades em diferentes momentos. Identidades que não são unificadas através de um “eu” coerente.



crescimento no envelhecimento populacional e lutas contra as imagens negativas associadas à velhice (DOLL, 2006).

Nas imagens que proliferam, hoje, os idosos são mostrados sob a óptica da velhice ativa, noção essa associada ao discurso da vida saudável. Tais imagens mostram uma velhice de realizações, enfatizando que os indivíduos que seguirem as receitas médicas serão produtivos, saudáveis, terão mais “qualidade de vida” e adoecerão menos. Assim, ao ser atribuída determinada idade ao corpo, cada um deve se enxergar e se sentir de uma certa maneira, passando a agir disciplinadamente de acordo com o que se espera dos membros daquela faixa etária. Diante disso, nos interrogamos, hoje, como são (re)inventadas as diferentes idades do corpo? Quais significados são atribuídos a categoria envelhecimento?

Mídia jornalística...

O sol nas bancas de revista
Me enche de alegria e preguiça.
Quem lê tanta notícia....
(Caetano Veloso)

Esse excerto nos faz pensar nos lugares que o jornal vem ocupando em nossas vidas. Lemos o jornal em diferentes momentos do nosso cotidiano, no café da manhã, no banco da praça, antes do almoço, antes de dormir, dentre tantos outros modos eleitos por cada um de nós. Assim, o jornal se faz presente mesmo que não pensemos sobre o quanto suas informações falem para cada um nós, no caso do Brasil, diariamente, 8.193 milhões de pessoas lêem jornais⁵.

No artigo A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo, Hall (1997) discute a posição de destaque assumida pela cultura na segunda metade do século XX – a expansão do que se associa a ela e ao seu papel constitutivo em todos os aspectos da vida social. O autor destaca a função das tecnologias e da revolução das informações na expansão dos meios de produção, circulação e troca cultural. Nessa direção, os meios de comunicação, de alcance global, atuam na direção de disponibilizar e facilitar a transmissão das informações, favorecendo o processo de homogeneização da cultura, especialmente através dos impérios midiáticos, cujas seleções e organizações disponibilizadas para assistirmos atuam na configuração de nossos pensamentos. Dessa perspectiva, estudos vinculados aos campos dos Estudos de Mídia e dos Estudos Culturais, vêm chamando a atenção para esses artefatos culturais como agentes de

⁵ Dados retirados do site da Associação Brasileira de Revistas e Jornais. Disponível: <http://www.abrarj.com.br>. Acesso 10 jun. 2009.



(re)produção social, acentuando sua complexidade e implicações em construções hegemônicas, não sendo vistos como simples aparelhos de manipulação e controle (SILVA, 2000). Mais do que veículos de informações “neutras”, tais meios de comunicação e suas produções atuam na construção tanto das “coisas” postas em circulação no meio social quanto dos processos constitutivos daquilo a partir do que as pessoas passam a se identificar ou reconhecer.

Fischer ao falar sobre a função pedagógica da mídia, comenta que

os diferentes meios de comunicação e informação-televisão, jornal, revistas, peças publicitárias, parecem afirmar em nosso tempo o estatuto da mídia não só como veiculadora, mas como produtora de saberes e formas especializadas de comunicar e produzir sujeitos, assumindo uma função nitidamente pedagógica⁶

Assim, os sentidos veiculados na mídia integram a produção das identidades sociais dos indivíduos que as consomem, visto que os diversos sistemas de significação, ao definirem o significado das coisas, codificam, organizam e regulam nossas ações, constituindo assim nossas culturas de modo natural (HALL, 1997). Numa sociedade de consumo, constantemente são criadas necessidades, desejos, aspirações a serem atingidas em relação ao nosso corpo e estilo de vida. Tais demandas do mercado de consumo, presentes em matérias jornalísticas, no caso, voltadas ao público feminino, ao apelarem constantemente ao consumo-não apenas de mercadorias, mas também de prescrições que ensinam formas de ser mulher, geram mudanças na construção das identidades ditas femininas. (SCHMIDT, 2006).

Consideramos oportuno destacar que, a partir da ascensão dos setores de marketing nas empresas jornalísticas⁷, o mercado editorial brasileiro vem aperfeiçoando suas técnicas de sedução na captura de novos públicos de leitores. Para atingir esta conquista mercadológica, no mínimo, duas estratégias foram e são importantes: a faixa etária e a classe sócio-econômica.

Tal como nos lembra Veiga - Neto (2000, p.68)

boa parte da modelagem pretendida pelo neoliberalismo é feita pela mídia, pelo marketing, pela indústria cultural.⁸

Diariamente, somos bombardeados com informações que nos chegam através dos meios midiáticos, ensinando-nos modos de pensar e de agir, o que nos faz considerar as matérias

⁶ FISCHER, Rosa Maria Bueno. O estatuto pedagógico da mídia: questões de análise. In: *Educação & Realidade*. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, n° 22 (2), jul./dez. 1997. pp. 62-80.

⁷ Dados retirados do site da Associação Brasileira de Revistas e Jornais. Disponível:<http://www.abraj.com.br>. Acesso 10 jun. 2009. Brasil somente no ano de 2009 o investimento publicitário nos jornais atingiu a cifra de R\$ 3.134.937.206.

⁸ VEIGA-NETO, Alfredo. Educação e Governamentalidade neoliberal: novos dispositivos, novas subjetividades. In: PORTOCARRERO, Vera; CASTELO BRANCO, Guilherme. (org.). *Retratos de Foucault*. Rio de Janeiro, NAU, Editora, 2000, p.46.



veiculadas nos jornais como artefatos pedagógicos que ensinam às mulheres modos de ver a si e de cuidar dos seus corpos.

Discutindo como os corpos aparecem no Caderno Vida

Tais entendimentos, acerca do papel constitutivo dos sentidos atribuídos ao corpo e veiculados em matérias jornalísticas, levaram-nos a examinar como se fala do envelhecimento do corpo feminino e dos cuidados associados à menopausa, em reportagens do Caderno Vida⁹ do Jornal ZH. Nesse sentido, trazemos aqui a reportagem intitulada *Exercite-se na menopausa. Atividade física pode ser mais eficiente do que reposição hormonal contra sintomas do período*¹⁰.

É possível ver que já na chamada da reportagem há um endereçamento às mulheres na menopausa, é para elas que se direcionam os ensinamentos ali presentes. Ellsworth (2001), ao estudar os modos de endereçamento no cinema e na educação, menciona que os endereçamentos dizem respeito a uma série de estratégias complexas que são colocadas em ação na direção de interpelar alguém. Tais modos de endereçamento levam em consideração uma série de suposições acerca de quem seria um determinado público consumidor – de carros, filmes, jornais. Nessa direção, podemos dizer que os editores do Caderno Vida pressupõem o que seus e suas leitores/as gostariam de ler. Quem são seus leitores? A quem se destina?

A mencionada reportagem divulga o resultado de uma pesquisa multidisciplinar que associou a diminuição dos sintomas da menopausa com a prática de exercícios físicos. Esse estudo, realizado por uma renomada universidade brasileira, envolveu profissionais das áreas da saúde e da educação, constatando que atividade física é mais eficiente do que a reposição hormonal - no título da matéria diz que pode ser mais eficiente e no corpo da mesma afirma que é. A legitimação das “verdades” apresentadas na reportagem vai sendo construída através tanto das falas dos pesquisadores quanto da referencia de que a pesquisa foi publicada num periódico científico internacional. Nesse sentido, Fischer vai dizer que

há uma mescla de discursos que se articulam, os limites entre o senso comum, o pensamento científico e a opinião pública se confundem. Os limites entre vida privada e fato público se mesclam.¹¹

⁹ Utilizaremos o itálico para destacar os trechos retirados do jornal.

¹⁰ Zero Hora, Porto Alegre, 11 abr.2009. Caderno Vida,p.3.

¹¹ FISCHER, Rosa Maria Bueno. Mídia e produção do sujeito: o privado em praça pública. In:FONSECA,Tânia Mara Galli; FRANCISCO,Deise Juliana(Org.). Formas de ser e habitar na contemporaneidade. Porto Alegre: UFRGS,2000, p.122.



A dimensão constitutiva de tais enunciados exige que nos interroguemos sobre qual o efeito do status do enunciador na consolidação das verdades? De que campo fala? Como se relaciona hierarquicamente com outros saberes/poderes? Na reportagem, como já mencionamos, o discurso medicalizante é trazido para prescrever e validar os conhecimentos produzidos na pesquisa, como também para que sejam alcançadas as “melhoras” na qualidade de vida daquelas mulheres que seguirem tais recomendações. Contudo, ao prescrever a prática de exercícios físicos não são consideradas as vivências de cada indivíduo, os tipos de exercício físico específico para cada corpo, não se discute as particularidades, as diferenças entre os corpos, entre as faixas etárias, pressupõe-se um funcionamento universalizante para os corpos. Isso é possível ver na fala de uma das pesquisadoras do estudo: *Somente as mulheres que fizeram exercícios tiveram melhora na qualidade de vida.* Diante de tal afirmação, interrogamo-nos: e aquelas mulheres que não praticarem atividades físicas, o que acontecerá com elas? Disso fala uma das pesquisadas que, ao contar sobre os efeitos dos exercícios físicos no seu corpo, comenta: *A melhora nos sintomas da menopausa com a prática de exercícios demorou pelo menos três meses após a entrada na academia. Percebia diferença quando saí de férias e fiquei sedentária por 15 dias, tudo voltou de novo – conta ela que nunca gostou de exercícios.*

Um trecho da reportagem, que visa mostrar os benefícios dos exercícios físicos, vai dizer que *Atividade física é mais eficiente do que reposição hormonal contra sintomas do período.* A atividade física é considerada como uma medicação que, nesse caso, funcionaria melhor que os produtos químicos, visto que é ressaltado o combate aos sintomas da menopausa através da prática de exercícios físicos. Neste caso não se estaria substituindo uma medicalização química por outra? Não se está questionado a validade de tal discussão, contudo considera-se relevante pensar que cada pessoa e as situações nas quais ela se encontra são particulares e chamar a atenção para os enunciados totalizantes com os quais as pessoas se identificam, desconsiderando as particularidades. Em quais casos é preferível praticar atividades físicas ao invés de utilizar a reposição hormonal? Se as mulheres que estão na menopausa praticarem atividade física segundo a periodicidade recomendada os sintomas serão extirpados? A alimentação saudável aliada a prática de exercícios físicos previne boa parte das doenças e dos sintomas?

Destacam-se, também, as benesses do esporte no que se refere ao “humor” das mulheres, visto que a partir dessa prática as mulheres ficaram mais dispostas, idéia associada à noção de saúde e bem-estar. Nesse sentido, são prescritas atitudes, posturas e ações necessárias não só para a prevenção de doenças, mas para agir nessa fase e momento da vida da mulher.



Em lugar de destaque, na rede enunciados, encontra-se o discurso medico como mostra o seguinte excerto: Envelhecer é um aprendizado. Longe de fórmulas que prometem milagres, o importante é aceitar as limitações e acompanhar o passar dos anos com serenidade¹². Para se manter jovem pelo máximo de tempo possível, a fórmula é dieta saudável e exercícios físicos regulares. A boa notícia é que aliados de verdade chegaram com o desenvolvimento da medicina. Graças a uma qualidade de vida melhor e a tratamentos mais eficazes. Hoje, em dia não se morre de muitas doenças antigas. A prevenção é muito forte, e as pessoas são bem informadas sobre hábitos saudáveis. ressalta o geriatra. Porém mais importante do que segurar as rédeas da idade é saber envelhecer bem.

Tal rede de enunciados nos remete a algumas questões, que práticas e comportamentos estão associados à ideia de envelhecer? Não aprendemos como agir nas outras categorias etárias, a ser criança, mulher, homem, jovem? A combinação de exercícios físicos e alimentação saudável não é uma fórmula que promete milagres? Dessa forma ela é uma receita de envelhecer e do bem viver? Os avanços científico-tecnológicos são invocados para dizer que eles são aliados de verdade. Aliados de quem? Será que não se morre mais de doenças antigas? E as pandemias e epidemias não persistem? O que será envelhecer bem? Nessa direção, do envelhecer bem, a psicóloga entrevistada na matéria vai recomendar: *Atividades comunitárias e religiosas podem ajudar a manter as pessoas ativas.*

Para o envelhecer bem, com qualidade, saúde e beleza, a dermatologista vai dizer que: *aparecem novos produtos no mercado a todo o momento, muitos deles mais destinados a embelezar a mulher do que a comprovar resultados eficazes. Porém uma nova geração de produtos, chamados cosmecêuticos, trouxe resultados bons, produtos derivados de vitaminas estão tendo a eficácia comprovada por estudos clínicos.* Ela cita também outros produtos em voga, dentre eles os retinoides, os alfa-hidroxiácidos, os antioxidantes, derivados das vitaminas C e E, os tensores imediatos, que atuam contra as rugas e a flacidez da pele envelhecida e, por fim cita, o laser que está na lista dos aliados ao combate do envelhecimento. É possível ver o conjunto de táticas e produtos científicos, cujos tratamentos buscam amenizar os sinais físicos e emocionais do envelhecimento, colocados em funcionamento e a “disposição” das mulheres que pretendem não ficar “fora” dos padrões de beleza/saúde voltados para o controle das “rédeas” da idade e do saber envelhecer bem. Então, é pra envelhecer bem sendo saudável e bonita?

¹² Zero Hora, Porto Alegre, 28 mar.2009. Caderno Vida, p.4- 5.



Isso aparece no excerto da reportagem ao mencionar: *Mulheres a partir dos 40 anos passam por uma transição hormonal, incluindo sintomas de ansiedade e depressão. Ambos podem ter reflexos no peso, tanto por fazerem as pessoas comerem mais quanto por desviá-las de hábitos saudáveis, como a prática de esportes. Seja qual for o obstáculo, a receita para ganhar a silhueta desejada é a combinação de alimentação saudável e exercícios regulares. Entre os 20 e os 40 anos, recomenda-se muita salada e carnes brancas, como peixes. Para os mais velhos, os médicos enfatizam a necessidade do consumo de cálcio, obtido com o leite, por exemplo.*

Essa rede discursiva colocada em destaque nos jornais cunha alguns saberes a respeito do cuidado com o corpo relacionando-se assim com os jogos de verdade¹³ processados na atualidade, esses saberes engendrados na mídia – entre outras instancias sociais– inventam procedimentos, vontades, projetos que o individuo encontra em sua cultura e sociedade, que são (im) postos e sugeridos. Esses saberes delinearão o processo ativo de constituição dos diferentes modos de sujeito em uma determinada sociedade (CAMARGO, 2007).

Em nossa perspectiva, essas edições, ao ensinarem quais alimentos devemos ingerir e em que quantidade, quais exercícios praticar e a periodicidade, funcionam como um guia norteador de condutas que pretende orientar suas leitoras– conforme a fase de vida que se encontra– na execução de exercícios, exames médicos, cuidados com a alimentação, entre outras práticas prescritas. O guia tem a pretensão de direcionar, governar, servir de regra, a fim de estimular o autodisciplinamento e autocontrole, o investimento continuado e autônomo do sujeito sobre si mesmo (LOURO, 1999). Na matéria mencionada, percebemos que o autocuidado com o corpo mediante a sua medicalização, busca prolongar a juventude, combater doenças, adiar a velhice, então, cuidar do corpo é torná-lo mais útil, eficiente e bonito, portanto, esse corpo precisa ser aperfeiçoado, deve ser jovem, magro, sem rugas e sarado. Numa sociedade da juvenização e da espetacularização aqueles indivíduos que não se submetem as normas são vistos como relapsos e negligentes.

Esses discursos de promoção da saúde/ beleza/juventude encontram-se vinculados aos sistemas de mercado, consumo e produção, cujo objetivo é produzir sujeitos/corpos consumidores. Numa sociedade regulada pela política do mercado para atender aos desejos e ao anseios dos corpos consumidores, encontram-se disponíveis infinitos procedimentos que prometem saúde, juventude e longevidade, resultando numa busca incessante e incansável pela saúde/beleza e por uma vida que não finde. Nesse sentido, notamos que, no Caderno Vida, pululam discursos de diferentes campos

¹³ Para Foucault (2006) a verdade é deste mundo, ela é produzida nele graças a múltiplas coerções e nele produz a relações de poder. Cada sociedade possui seus jogos de verdade específicos, ou seja, os discursos que acolhe e faz funcionar como verdadeiros, os mecanismos que possibilitam fazer a distinção entre os enunciados verdadeiros e falsos.



cuja preocupação com o corpo é constantemente reiterada por enunciados da área da saúde, da beleza, da moral conforme as exigências estéticas, morais, sociais e mercadológicas. Este artefato midiático – o Caderno Vida –, muitas vezes, reúne diferentes tipos de argumentos apresentados aos seus/suas leitores/as através de estratégias voltadas a legitimar as prescrições feitas, sejam elas de caráter científico ou “não científico”. Para tanto, valem-se tanto das narrativas dos médicos e dos pesquisadores, quanto das narrativas de pessoas que ao incorporaram mudanças na alimentação mudaram suas vidas comprovam as “melhoras” em si, conferindo aos enunciados presentes na reportagem um caráter de verdade.

Por fim, neste trabalho buscamos atentar para os modos pelos quais tais “verdades” ensinam diferentes cuidados com nossos corpos, problematizando os enunciados dirigidos ao cuidado e a manutenção do corpo, a partir disso, talvez, se crie condições para outras abordagens sobre o cuidado com o corpo.

Bibliografia

CAMARGO, Tatiana Souza. *Você é o que você come? Os cuidados com a alimentação: implicações na constituição dos corpos*. 2008. 191f. Dissertação (Mestrado em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde) - Instituto de Ciências Básicas da Saúde, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

ELIAS, Norbert. *O processo civilizador- uma história dos costumes* (vol. 1). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. “O estatuto pedagógico da mídia: questões de análise”. In: *Educação & Realidade*. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, n° 22 (2), jul./dez. 1997. pp. 59-80.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. Mídia e produção do sujeito: o privado em praça pública. In: FONSECA, Tânia Mara Galli; FRANCISCO, Deise Juliana (Org.). *Formas de ser e habitar na contemporaneidade*. Porto Alegre: UFRGS, 2000, p. 109-120.

FOUCAULT, *Em Defesa da Sociedade: Curso no Collège de France (1975-1976)*, SP: Martins Fontes, 2000.

KELLNER, Douglas. Lendo imagens criticamente :em direção a uma pedagogia pós-moderna. In: SILVA, T.T.da (Org.) *Alienígenas em sala de aula: uma introdução aos Estudos Culturais em Educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. p. 104-131.

HALL, Stuart. *A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo*. *Educação & Realidade*, v. 22, n.2, jul./dez., 1997.

LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da sexualidade. In: _____.(Org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999, p. 07-34.



- NELKIN, Dorothy. *Selling Science. How the Press Cover Science and Technology*. USA: Freeman and Company, 1995.
- RIPOLL, Daniela. *Não é ficção científica, é Ciência: a Genética e a Biotecnologia em revista*. Porto Alegre: UFRGS, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2000. Dissertação de Mestrado
- SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.
- SCHMIDT, Saraí. *A educação nas lentes do jornal*. Porto Alegre: UFRGS, PPGEDU, 1999. Dissertação de Mestrado.
- SOUZA, Nádia Geisa Silveira de. *Que corpo é esse? : o corpo na família, mídia, escola, saúde...* Tese (Doutorado em Biologia: Bioquímica) – Departamento de Bioquímica, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- STEINBERG, Shirley R. *Kindercultura: a construção da infância pelas grandes corporações*. In: SILVA, Luiz H. et al. *Identidade social e a construção do conhecimento*. Porto Alegre: PMPA/SMED, 1997.
- VEIGA-NETO, Alfredo . *Educação e Governamentalidade neoliberal: novos dispositivos, novas subjetividades*. In: PORTOCARRERO, Vera; CASTELO BRANCO, Guilherme. (org.). *Retratos de Foucault*. Rio de Janeiro, NAU, Editora, 2000, p.37-69.
- WORTMANN, Maria Lúcia Castagna. *Os Estudos Culturais e o ensino de Ciências*. In: SILVEIRA, Rosa Maria Hessel (Org). *Estudos Culturais para professores*. 1. ed. Canoas: Editora da ULBRA, 2008.